



III CONGRESSO ESTADUAL DE ASSISTENTES SOCIAIS
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

CAPITALISMO DEPENDENTE E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DO
PENSAMENTO DE FLORESTAN FERNANDES

Gustavo Gonçalves (a) - a

a

**CAPITALISMO DEPENDENTE E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DO
PENSAMENTO DE FLORESTAN FERNANDES**

Palavras-Chave: Capitalismo Dependente; Mito da Democracia Racial; Florestan
Fernandes; Formação Social Brasileira;

**DEPENDENT CAPITALISM AND THE MYTH OF RACIAL DEMOCRACY FROM
THE THOUGHT OF FLORESTAN FERNANDES**

Keywords: Dependent Capitalism; Myth of Racial Democracy; Florestan Fernandes;
Brazilian Social Formation;

I - INTRODUÇÃO

As discussões desenvolvidas ao longo deste trabalho compreendem uma reflexão acerca da opressão racial e o mito da democracia racial em paralelo a condição estruturante de dependência do capitalismo brasileiro. Em primeiro instante, é necessária a compreensão da dimensão dependente do desenvolvimento do capitalismo na região que conforma a América Latina. Esse aspecto tem fundamental importância, pois é a partir dessa estrutura que se desdobram fenômenos da opressão racial. Questões candentes na sociedade que estão diretamente ligados aos séculos de colonização, a escravidão da população negra, a dizimação dos povos indígenas e a espoliação da riqueza aqui encontradas. Os elementos estruturais deste caldo sócio-histórico tem suas expressões acirradas no quadro de configuração dos arranjos do mundo capitalista. As discussões das raízes do mito da democracia racial são fundamentais para compreender o racismo e as nuances da questão social no Brasil. As particularidades marcadas em um país que atravessou mais de 300 anos sob um regime escravista, permeado de ideologias a respeito da opressão racial – as quais estão a serviço da super exploração do proletariado negro – e suas mais diversas variantes, incidem até os dias atuais na realidade da população negra.

II - O curso desigual e combinado do capitalismo dependente na América Latina e um breve contexto da democracia brasileira na atualidade

No âmbito do padrão de dependência do desenvolvimento econômico encontrado no Brasil, Florestan Fernandes (1975) aborda que a docilidade dos interesses da burguesia nacional não constitui mera estratégia para um jogo financeiro, mas um componente dinâmico da tradição colonial de subserviência, fundado na cegueira nacional, estimulada e controlada a partir de dominação externa. Ao longo de *Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina* é possível constatar que o desenrolar histórico nos apresenta quatro tipos de dominação externa. O padrão colonial supracitado, um segundo padrão de dominação que pode ser identificado como um neocolonialismo, ocorre uma alteração no caráter político e jurídico da relação, mas se constitui um traço colonial permanente. São erguidos novos sistemas de controle, mas com total anuência dos produtores rurais e comerciantes urbanos. Florestan Fernandes destacou o que chamou de padrão composto de hegemonia burguesa, algo que derivado da própria formação da burguesia, pois, no caso brasileiro, a burguesia industrial teria se formado pela associação com a acumulação originada na propriedade rural agro-exportadora. Em paralelo, do ponto de vista do capital internacional, cedo notou-se a tendência à associação de capitais de uma burguesia típica do capitalismo dependente. Assim, a subordinação da burguesia dependente face ao capitalismo internacional e o entrelaçamento com a classe dominante rural, foram a base para a

formação não de uma burguesia “fraca”, mas para a construção de uma classe dominante senhora do aparato estatal necessário para seu projeto de classe. A partir da reorganização da economia mundial, principalmente após a consolidação das transformações decorrentes da Revolução Industrial nas nações europeias, se mantém preservado o esquema exportação-importação, baseado na produção de matérias-primas. Além da transferência do excedente econômico das economias satélites para os países hegemônicos, um fenômeno caracterizado como padrão dual de expropriação do excedente econômico. A revitalização desse processo culmina na abertura do quarto tipo de dominação externa, com o surgimento e expansão das empresas corporativas - muitas nas esferas comerciais, de serviços e financeiras, mas a maior parte na indústria leve e pesada - nos países da América Latina, “essas empresas trouxeram a região um novo estilo de organização, de produção e de marketing” (FERNANDES, 1975, p. 18). Essa tendência se implica no chamado imperialismo total. Como afirma MARINI (2017; p.47), “a história do subdesenvolvimento latino-americano é a história do desenvolvimento capitalista mundial”. O que se traduz na ideia de que a região se desenvolveu em consonância com a dinâmica do capitalismo internacional. Como em todos os países da periferia do sistema internacional de Estados, a estrutura de classes foi desenvolvida em uma articulação que combinava dinâmicas sociais não capitalistas e a modernização. Devido a sua localização subalterna na divisão internacional do trabalho, as economias latinas sempre foram à outra face do moderno capitalismo avançado dos países centrais. No caso brasileiro, por exemplo, essa combinação produziu um país complexo, um híbrido.

III - O mito da democracia racial no Brasil: uma análise de raça e classe

Em *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre parte de uma explicação cultural e social para o debate racial e não só biológica, como utilizada em momentos anteriores. Essa mudança na argumentação não foi devido ao acaso. O contexto político nacional reivindicava a ideologia populista e negação das contradições da sociedade brasileira. Estes foram exemplos de como o país superou os conflitos raciais de forma humanizada e que as questões agora existentes eram frutos de causalidades sociais. O esforço em negar a herança e práticas racistas era tanto, que a teoria de Freyre legitimava o estupro do senhor português contra as mulheres negras a fim de confirmar sua tese de democracia racial: A obra de Freyre cumpriu de forma exemplar sua tarefa de mostrar a transformação da “branquitude” como um ideal, símbolo da prosperidade. Aliado a toda trajetória de “coisificação” e “animalização” pela qual o povo negro passou através dos séculos de escravidão causou danos nefastos a consciência negra. Seja na negação de sua negritude ou na separação dos mestiços (terminologias como mulato e moreno), nas mais diversas argumentações utilizadas pela

elite brasileira para afirmar que não existe racismo em nosso país. Uma outra faceta é a acomodação social, o que de forma combinada com os outros itens intensifica os mecanismos de exploração. (MOURA, 1988). No conjunto das pesquisas sociológicas sobre a realidade social brasileira, ressalta desde logo a importância dos estudos sobre as relações entre negros e brancos. Diferente da exposição feita sobre a obra de Gilberto Freyre, os trabalhos de Florestan Fernandes sobre essa problemática representam importantes contribuições científicas para o conhecimento da maneira pela qual funciona e transforma a sociedade brasileira. *O Negro no Mundo dos Brancos* é uma contribuição fundamental para a compreensão das relações raciais no Brasil. Dentre os vários temas focalizados, destaca-se a análise dos movimentos sociais dos negros e os escritos contidos na terceira parte da obra, onde o autor descreve a busca da chamada democracia racial brasileira. Tomando a história do país desde a abolição da escravatura, é abordado o esforço persistente e difícil do negro no sentido de conseguir a redefinição social do ex-escravo em trabalhador livre e como cidadão. Eles lutam para que a igualdade perante a lei seja efetiva e não apenas retórica, tanto na fábrica como na escola, tanto nos clubes e associações como nas relações de família. Em especial, o livro reúne contribuições sobre a ideologia racial do branco, em particular do mito da democracia racial, que podemos encontrar as expressões mais elaboradas e sutis da “neutralização do meio negro, como coletividade ou categoria racial, para qualquer processo dotado de real eficácia política” (FERNANDES, 2007, p. 277.) Sob esse aspecto, o mito da democracia racial adquire caráter de uma técnica social, por intermédio do qual o branco, procura estabelecer as condições e o alcance da atividade e da mobilidade social do negro, como indivíduo e grupos sociais.

IV - Conclusão

Ressalta-se que diferente do que é difundido pela ideologia racista e fruto do “mito da democracia racial”, a opressão aos negros é corrente também entre os setores com melhores condições de vida e trabalho. Obviamente que, em proporções diferentes, porém contendo princípios semelhantes. A ascensão social dos negros esbarra no contexto histórico da sua inserção no capitalismo moderno. Pois vivem a situação de opressão racial e exploração de classe o que provoca uma relação desigual e combinada frente aos trabalhadores brancos. Em suma, para compreender como funciona e muda a sociedade brasileira, é indispensável conhecer como se mesclam ideológica e praticamente as relações de raça e as relações de classe. Nesse nível está um dos pontos centrais das estruturas de dominação mais persistente da sociedade brasileira.

V - Bibliografia

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. *Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina*. 2ª. Ed. RJ: Zahar, 1975.

_____. *Negros no Mundo dos Brancos*. Global. São Paulo. 2007.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Global. São Paulo. 2003.

MARINI, Ruy Mauro. *Subdesenvolvimento e Revolução*. 6. ed. Florianópolis. Insular. 2017.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do Negro Brasileiro*. Ática. São Paulo. 1988.